

# PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO DOS IDOSOS DO MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE NO MUNICÍPIO DE IPATINGA – MINAS GERAIS

## SELF-MEDICATION PROFILE IN A GROUP OF THIRD AGE PEOPLE IN IPATINGA - MINAS GERAIS

HELENA VASCONCELOS NUNES DE CARVALHO<sup>1</sup>, LUISA MARÇAL DE PAULA<sup>1</sup>, NATÁLIA ALVES LIMA MENDES ASSIS<sup>1</sup>, THAIS CARREIRO DE MORAIS<sup>1\*</sup>, ANALINA FURTADO VALADÃO<sup>2</sup>, PATRÍCIA GONÇALVES DA MOTTA<sup>3</sup>

1. Acadêmico do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES; 2. Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES; 3. Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES.

\* IMES – Rua João Patrício Araújo, 179, Veneza I, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. CEP: 35164-251. [tata\\_cmorais@hotmail.com](mailto:tata_cmorais@hotmail.com)

Recebido em 10/08/2018. Aceito para publicação em 28/08/2018

### RESUMO

O aumento da idade está relacionado ao maior consumo de medicamentos muitas vezes correlaciona-se à maior ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis nessa faixa etária. Com isso, é importante a investigação do perfil da automedicação em idosos. Estudo observacional, descritivo, com delineamento transversal. A amostra foi constituída de 86 idosos com idade média de 68 anos (DP= 6), predominando a faixa etária de 60 a 69 anos (66,3%) e 82,6% do sexo feminino. 73,3% dos entrevistados relataram já ter comprado algum medicamento sem receita, os mais citados foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%). O motivo mais frequente relatado pelos idosos que compraram medicamento sem receita foi “já usei outras vezes e resolveu meu problema” (56,1%). Dentre os idosos com faixa etária de 60 a 69 anos, 84,2% relataram adquirir medicamento sem receita, enquanto que entre aqueles de 70 a 79 anos este percentual foi de apenas 48%. Existe uma grande prevalência da automedicação entre idosos, sendo os anti-inflamatórios/analgésicos, seguidos pelos relaxantes musculares os mais utilizados. A automedicação não é isenta de riscos à saúde e essa prática é motivo de preocupação, sendo assim é necessário instruir a população a procurar um profissional de saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automedicação; idosos, medicamento, analgésico, profissional de saúde.

### ABSTRACT

The increase of age is related to the greater consumption of medicines often correlates with the greater occurrence of noncommunicable chronic diseases in this age group. Therefore, it is important to investigate the profile of self-medication in the elderly. Observational, descriptive study, with a cross-sectional design. The sample consisted of 86 older adults with a mean age of 68 years (SD = 6), predominantly the age group of 60 to 69 years (66.3%), 82.6% female. 73.3% of the interviewees reported having already bought some medication without a prescription, being anti-inflammatories/analgesics (41.9%) the most cited,

followed by muscle relaxants (11.6%) and vitamins/minerals (9.3 %). The most frequent reasons to buy medication without prescription were: "I had used it before and solved my problem" (56.1%), "I had a pharmaceutical indication" (15.1%) and "the medicine was good for a relative and / or friend" (15.1%). Among the elderly with 60 to 69 years of age, 84.2% reported purchasing medication without a prescription, while among those aged 70 to 79 this percentage was only 48%. There is a high prevalence of self-medication in the elderly, being the anti-inflammatory/analgesic, followed by the muscle relaxants most used. Self-medication is not free of health risks, and this practice is cause for concern, so it is necessary to instruct the population to seek a health professional.

**KEYWORDS:** Self-medication, elderly, drug, analgesic, healthcare professional.

### 1. INTRODUÇÃO

A automedicação é um hábito caracterizado pela decisão do doente ou de seu responsável em utilizar um medicamento para manutenção da saúde, prevenção de moléstias, tratamento de enfermidades ou de sintomas percebidos pelas pessoas, sem a prescrição ou supervisão de um profissional de saúde<sup>1,2,3</sup>. Fatores como os hábitos de consumo, a familiaridade com os medicamentos, a veiculação de propagandas de medicamentos vendidos sem prescrição na mídia, a presença da farmacinha caseira nos domicílios, a crença de que os medicamentos resolvem tudo e o difícil acesso aos serviços de saúde, bem como suas percepções e condutas frente aos medicamentos, são fenômenos que contribuem para a automedicação<sup>2,3</sup>.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados e vendidos, e metade dos pacientes os utilizam de maneira errada<sup>4</sup>. Além disso o país ocupava, em 2011, a quinta posição no consumo mundial de fármacos sem prescrição e o primeiro lugar na América Latina<sup>5</sup>.

Conforme pesquisa da Associação Brasileira de

Indústrias Farmacêuticas (Abifarm), aproximadamente 80 milhões de pessoas eram adeptas à automedicação em 1997, sendo que 20 mil morriam por ano vítimas desta prática<sup>6</sup>.

Aquino, Barros e Silva (2010)<sup>7</sup> em um estudo realizado em Recife, mostraram que 35% dos medicamentos eram usados por meio de automedicação.

O uso inadequado de medicamentos é responsável por importantes gastos com saúde em todo o mundo, o que justifica a realização de estudos voltados para seu consumo, denominados Estudos da Utilização de Medicamentos (EUM), cujo importante enfoque é a automedicação<sup>8</sup>.

No Brasil, a faixa de 20 a 50 anos de idade é a maior praticante de automedicação, independentemente do sexo e de condições econômicas<sup>8</sup>. Rozenfeld (2003)<sup>9</sup> aponta uma prevalência de 18% de automedicação entre idosos e 40% entre jovens.

Estudos realizados no Brasil e no mundo mostram que o aumento da idade está relacionado com um maior consumo de medicamentos<sup>10,11</sup>.

O uso de medicamentos por idosos muitas vezes correlaciona-se à maior ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) nessa faixa etária. Estudo fármaco epidemiológico realizado em cidades brasileiras mostra que a prevalência de uso de medicamentos por idosos tem variado entre 70-92%, com média de utilização entre dois e cinco medicamentos por pessoa<sup>12</sup>. Em adição foram evidenciados uma prevalência de uso de medicamentos entre idosos de 85,5%<sup>13</sup>.

O uso de vários medicamentos simultaneamente pode ser benéfico no tratamento de múltiplas doenças, mas aumenta também o risco de ocorrência de reações adversas e torna a manutenção da terapia mais difícil<sup>12</sup>.

Importante salientar que relatórios estatísticos do IBGE mostram que a expectativa de vida dos brasileiros é de 75,5 anos, e a mortalidade na infância (< 5 anos de idade) declinou de 35,5/1.000 nascidos vivos no ano 2000, para 16,1/1.000 nascidos vivos no ano de 2015, apontando para um incremento na população de idosos<sup>14</sup>.

Neste contexto a automedicação nos idosos torna-se uma questão social muito grave, pois, estes se encontram numa fase onde relatam muitas dores, o que pode levá-los a automedicarem-se. Existem muitos medicamentos de fácil obtenção, possibilitando que estes estejam disponíveis nas casas. Assim, isso permite que as pessoas usem indiscriminadamente tais medicamentos quando os têm próximo, sem conhecerem as consequências dessa prática<sup>15</sup>.

Pode-se observar que para idosos muitas vezes a automedicação é vista como algo simples. Visto isso, é importante auxiliá-los quando possível. Tal auxílio pode ser feito por atuantes na área da saúde, o que pode prevenir a irracionalidade no uso de medicamentos e detectar agravos de saúde que requerem um profissional mais especializado para avaliar o paciente<sup>16</sup>.

Marin *et al.* (2008)<sup>17</sup> alertam para o perigo da prática da automedicação, pois os medicamentos, embora necessários em muitas ocasiões, quando mal utilizados podem desencadear complicações sérias para a saúde.

Dessa forma, o estudo teve como objetivo investigar o perfil da automedicação em idosos do Movimento da Terceira Idade do município de Ipatinga-MG e assim, poder contribuir com esclarecimentos sobre o tema.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, com delineamento transversal, realizado no Movimento da Terceira Idade (MOTI), na cidade de Ipatinga-MG, onde 600 idosos filiados desenvolvem atividades esportivas e lazer. O cálculo amostral se baseou no estudo de Rozenfeld (2003)<sup>9</sup>, que aponta uma prevalência de 18% da automedicação em idosos, sendo estimada uma amostra de 86 idosos. Foram incluídos no estudo idosos de ambos os sexos, com 60 anos ou mais, e excluídos da pesquisa aqueles que se recusaram a responder todas as perguntas do formulário.

Nas dependências do MOTI, os idosos receberam esclarecimentos acerca dos detalhes da pesquisa. Para os que aceitaram participar, foi solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado em duas vias, ficando uma para o entrevistado e outra para a pesquisadora. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista individual com os participantes no dia e local do encontro dos grupos. Para a coleta dos dados foi utilizado um formulário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras contendo questões relacionadas aos dados pessoais, características socioeconômicas, hábitos de vida, medicamentos em uso, patologias referidas e situações em que a automedicação era adotada.

A análise dos dados contidos nos formulários foi realizada por meio do programa SPSS versão 20. Posteriormente, foram avaliadas as frequências das variáveis quantitativas e todas as possíveis associações - idade, gênero, escolaridade, entre outras - a partir de digitação múltipla e independente tendo como desfecho a avaliação do perfil da automedicação dos idosos do MOTI. Foi utilizado o teste de associação do qui-quadrado para as variáveis categóricas, com intervalo de confiança de 95%. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

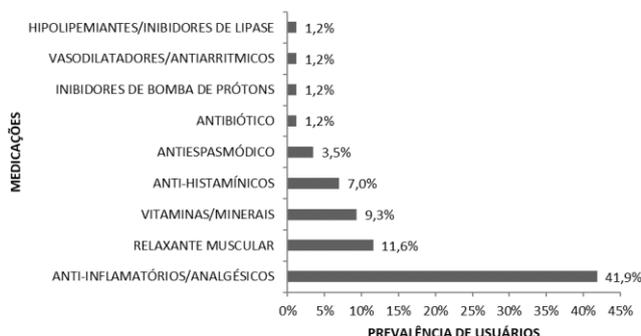
## 3. RESULTADOS

A prevalência de automedicação entre os idosos do MOTI, na cidade de Ipatinga-MG foi de 73,3%.

A amostra foi composta por 86 idosos com idade média de 68 anos ( $\pm 6$ ), predominantemente da faixa etária de 60 a 69 anos (66,3%) e predomínio de mulheres (82,6%).

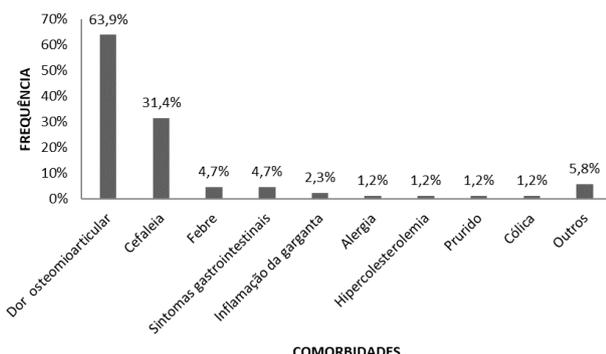
Em relação à compra de medicamentos sem prescrição (Figura 1), a maioria dos idosos relatou já

ter comprado algum medicamento sem receita (73,3%), dentre eles, os mais citados foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%) e vitaminas/minerais (9,3%).



**Figura 1.** Classes de medicamentos comprados sem prescrição médica pelos idosos, n=86.

As comorbidades relacionadas para o uso dessas medicações sem receita foram diversas, tanto de forma isolada como conjuntas, sendo em sua maioria a dor osteomioarticular (63,9%), cefaleia (31,4%) seguida pela febre (4,7%) (Figura 2).



**Figura 2.** Comorbidades relacionadas pelos idosos para o uso da medicação comprada sem receita, n=86.

Os principais motivos relatados pelos idosos que compraram medicamento sem receita foram “Já usei outras vezes e resolveu meu problema” (56,1%), “Fui orientado na farmácia” (15,1%) e “O medicamento foi bom para um parente e/ou amigo” (15,1%).

Ao serem questionados sobre o que fazem primeiro ao ter um problema de saúde, os idosos relataram principalmente “marco uma consulta” (36,3%), seguido por “uso medicamento que tenho em casa” (25%) e “vou a uma unidade de saúde ou hospital” (22,5%).

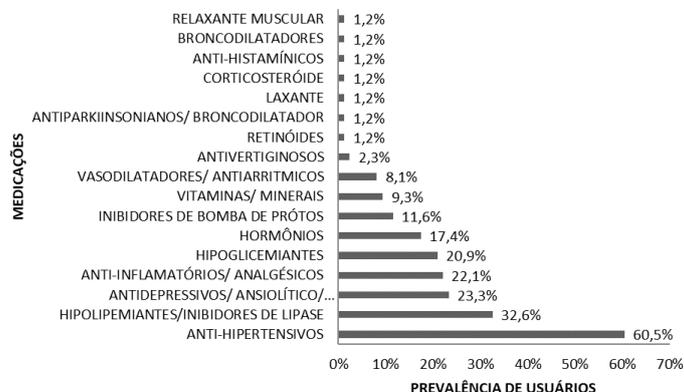
Os idosos não possuem uma forma única de adquirir suas medicações, onde, muitos relataram utilizar simultaneamente o sistema privado e o SUS, sendo o SUS relatado por 59,3% (n=51) e pelo sistema privado por 51,2% (n=44).

Ao verificar a associação dos fatores individuais com a prática de aquisição de medicamentos sem receita foi encontrada significância com a faixa etária (p=0,03) e o fato de não ter diabetes (p=0,02). Dentre

os idosos com faixa etária de 60 a 69 anos, 84,2% relataram adquirir medicamentos sem receita, enquanto que entre aqueles de 70 a 79 anos este percentual foi de apenas 48%. Entre os idosos com diabetes, apenas 50% relataram adquirir medicamentos sem receita e, nos que não apresentam esta patologia, este percentual foi de 79,4%.

A doença crônica foi predominante entre os idosos entrevistados, sendo relatados por 86% (n=74). A hipertensão arterial foi a mais prevalente (64%), seguida pela diabetes (20,9%) e dislipidemia (20,9%)

Ao investigar sobre o uso de medicamentos com prescrição (Figura 3), a maioria dos entrevistados relatou usar algum medicamento com prescrição médica (93%), dentre eles os mais prevalentes foram os anti-hipertensivos (60,5%), seguido pelos hipolipemiantes/inibidores de lipase (32,6%) e antidepressivos/ansiolíticos/estabilizadores do humor (23,3%).



**Figura 3.** Uso de medicamentos com prescrição médica utilizada pelos idosos, n= 86.

#### 4. DISCUSSÃO

A automedicação consiste no emprego de medicamentos para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticadas e deve ser entendida como um comportamento de autocuidado. Essa prática aumenta o risco de eventos adversos e de mascaramento de doenças, o que pode retardar o diagnóstico correto. Inúmeros fatores favorecem o uso irracional de medicamentos, como a venda indiscriminada de medicamentos por farmácias brasileiras, a propaganda de medicamentos de venda livre na mídia, sistema de saúde insatisfatório, custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulares<sup>18</sup>.

A faixa etária de destaque para a automedicação é a dos idosos<sup>19</sup>. O Censo Populacional de 2010 aponta que os idosos correspondem a 12% da população brasileira. Nessa idade, a prevalência de patologias crônicas faz deles grandes usuários de serviços de saúde, contribuindo com cerca de 25% do total de vendas de medicamentos<sup>19</sup>.

O uso irracional de medicamentos em idosos é um importante problema de saúde pública na medida que expõe os mesmos aos riscos potenciais dos medicamentos<sup>20</sup>. No presente estudo, há uma maior

prevalência de mulheres (82,6%), o que corrobora com outras pesquisas acerca de automedicação em idosos<sup>21,22,23</sup>. Tal ocorrência pode ser justificada pela maior expectativa de vida brasileira no sexo feminino<sup>24</sup>. Entretanto, visto que a pesquisa foi realizada em um centro esportivo para idosos, esse dado pode ter sido decorrente da maior prática de atividade física nessa faixa etária por mulheres. Pesquisadores mencionam em seu estudo a menor resistência de mulheres à realização de exercícios físicos e correlacionam esse fato a maior longevidade de pessoas desse sexo<sup>25</sup>. Outra pesquisa ressalta que as mulheres constituem o grupo social que mais utiliza medicamentos, tornando-as mais suscetíveis às reações adversas relacionados a medicamentos devido à prática de automedicação<sup>24</sup>.

Santos *et al.* (2014)<sup>26</sup> observaram a redução da prática da atividade física com o aumento da idade, possivelmente por fatores psicológicos e biológicos do envelhecimento. Essa reflexão pode justificar a faixa etária predominante do presente estudo ser de 60 a 69 anos (66,3%).

Um fator positivo observado foi a baixa taxa de etilismo (5,8%) e ausência de tabagistas, pois ambos são fatores de riscos para doenças cardiovasculares e tornam os idosos ainda mais suscetíveis a interações medicamentosas.

A automedicação é prática comum entre os idosos estudados, em que 73,3% relataram em algum momento da vida ter adquirido algum medicamento sem receita.

Este resultado vai ao encontro dos dados obtidos por Cascaes, Falchetti e Galato (2008)<sup>16</sup>, que ao realizarem uma pesquisa em um grupo de terceira idade verificaram que 80,5% dos idosos se automedicavam, principalmente pela praticidade e na presença de sintomas considerados simples, como no caso de gripe, e que 55,9% das automedicações eram por orientações de amigos, vizinhos ou familiares. Também Monteiro, Azevedo e Belfort (2014)<sup>27</sup> apresentaram porcentagem de 67% de automedicação.

Dentre os medicamentos utilizados sem prescrição, os mais citados pelos idosos foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%) e vitaminas/minerais (9,3%). Essas classes também são citadas por diversos autores como as principais entre os medicamentos consumidos sem prescrição por idosos<sup>27,28</sup>.

O elevado uso de analgésicos é reflexo da alta prevalência de dor resultado de processos inflamatórios e degenerativos presentes em doenças crônicas frequentes nessa faixa etária. Esse fato justifica as principais comorbidades relatadas para o uso dessas medicações sem receita, visto que são dor osteomioarticular (63,9%) e “dor de cabeça” (31,4%). Outros trabalhos realizados sobre automedicação justificam o maior emprego dessa classe de medicamentos pelo fato de serem adquiridos sob a forma de venda livre<sup>10,28</sup>.

Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são

considerados muito atraentes pelo fato de terem várias aplicações, como analgésica, antipirética e anti-inflamatória<sup>29</sup>. A propaganda da indústria farmacêutica veiculada na mídia em geral beneficia e influencia esse consumo<sup>2</sup>.

Outro dado observado foi que os idosos adotam a prática do uso de chás medicinais ao apresentarem um problema de saúde. No estudo de Cascaes, Falchetti e Galato (2008)<sup>16</sup> verificou-se que a opção mais adotada pelos entrevistados foi o uso das plantas medicinais (55,4%).

Em geral, pode-se observar que um elevado número de idosos faz uso de fitoterápicos e plantas medicinais. Isso pode ser justificado pelo fato de acreditarem que tal terapia, por ser natural, é isenta de riscos, incluindo efeitos colaterais e interações medicamentosas. Sendo assim, esses medicamentos estão entre as primeiras alternativas na terceira idade. Vale ressaltar que, além dos riscos, cada planta tem uma maneira diferente de ser utilizada<sup>16,21</sup>.

Ao serem interrogados sobre a primeira ação ao terem um problema de saúde, 36,3% dos entrevistados relataram marcar uma consulta, 25% usam medicamentos que tem em casa e 22,5% procuram uma unidade de saúde ou hospital.

O fato de morar sozinho apresentou uma forte correlação com a automedicação. Este dado também foi observado em outro estudo, embora a população de idosos ter sido uma minoria<sup>24</sup>.

A terceira idade é uma fase da vida com maior propensão para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs). Foi observada alta prevalência de DCNTs, sendo a hipertensão arterial a principal (64%), seguida de diabetes (20,9%) e dislipidemia (20,9%). Esse dado é concordante com um estudo realizado na cidade de Tubarão (SC) em que foi evidenciado um grande número de problemas de saúde, principalmente aqueles relacionados ao sistema cardiovascular, nervoso, musculoesquelético e do trato alimentar e metabolismo<sup>16</sup>. Em outro estudo, os medicamentos utilizados para problemas do sistema cardiovascular foram os mais prescritos (37%)<sup>20</sup>. Isso reflete a alta prevalência de doenças cardiovasculares, que vêm liderando as causas de morbimortalidade, entre a população idosa, com atenção especial para hipertensão arterial sistêmica (HAS), que tem atingindo 50% dos indivíduos com mais de 65 anos, além das alterações cardíacas próprias do envelhecimento. Dado semelhante foi encontrado em outro estudo, onde o consumo frequente de medicamentos de ação no sistema cardiovascular, também foi predominante entre os idosos, sendo coerente com a prevalência de doenças cardíacas nesta faixa etária<sup>24</sup>.

O alto índice de doenças crônicas acaba levando ao aumento no número de medicamentos utilizados pelos idosos. Esse fato pode justificar a alta prevalência de uso de medicamento prescrito pelos entrevistados (93%), visto que as classes mais citadas foram os anti-hipertensivos (60,5%), seguido pelos hipolipemiantes/inibidores de lipase (32%). Esse

resultado é similar ao encontrado por Ribas e Oliveira (2014)<sup>30</sup>.

Na população estudada, a principal justificativa para a utilização de medicamentos sem prescrição foi experiência anterior positiva com o medicamento (56,1%) e este fato é consoante com o estudo realizado por Monteiro, Azevedo e Belfort (2014)<sup>27</sup>. Desta forma, é provável que os resultados satisfatórios com a utilização prévia de medicamentos, sejam entendidos como uma razão para a sua prática sem agravos à saúde, o que não condiz com a verdade. Isso se deve ao fato de que, boa parte da população idosa faz uso concomitante de medicamentos sem prescrição com outros prescritos, o que requer avaliação dos riscos à saúde, especialmente no que se refere às intoxicações e interações medicamentosas.

## 5. CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo mostram que os medicamentos mais empregados sem orientação de um profissional da saúde são os analgésicos e anti-inflamatórios. O alto consumo destas drogas reflete a elevada prevalência de queixas álgicas na população idosa e, tal fato pode ser devido ao estresse, tensão ou demanda física, que afetam negativamente a qualidade de vida destas pessoas.

A falta de informação acerca de indicações, contraindicações e possíveis efeitos adversos, incluindo as complicações decorrentes das interações medicamentosas, são fatores predisponentes à prática da automedicação. Sendo assim, é importante que estratégias de promoção ao uso racional de medicamentos sejam adotadas, como orientações durante a prescrição, na tentativa de conscientizar a população sobre as possíveis consequências negativas desta prática.

A maior prevalência de doenças crônicas na terceira idade tornam os idosos grandes consumidores de medicamentos. Como a automedicação não é isenta de riscos à saúde, principalmente dos idosos, essa prática é motivo de preocupação.

## REFERÊNCIAS

- [1] Sá MB, Barros JAC, Sá MPBO. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. *Rev Bras Epidemiol* 2007; 10(1):75-85.
- [2] Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, *et al.* Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc Saúde Coletiva* 2010; 15:1751-1762.
- [3] Oliveira MA, Francisco PMSB, Costa KS, *et al.* Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. *Cad Saúde Pública* 2012; 28(2):335-345.
- [4] Domingues PHF, Galvão TF, Andrade KRC, *et al.* Prevalence of self medication in the adult population of Brazil: a systematic review. *Rev Saúde Pública* 2015; 49(36):1-8.
- [5] Souza LAF, Silva CD, Ferraz GC, *et al.* Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Rev Latinoam Enfermagem* 2011; 19(2):245-251.
- [6] Silva RCG, Oliveira TM, Casimiro TS, *et al.* Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina*. 2012; 45(1):5-11.
- [7] Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *CiêncSaúde Coletiva* 2010; 15(5):2533-2538.
- [8] Mendes CMM, Castro GLG, Pedrini ACR, *et al.* Perfil socioeconômico da automedicação em Teresina. *Rev. Interdiscip* 2015; 7(4):115-123.
- [9] Rozenfeld S. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre os idosos: uma revisão. *Cad Saúde Pública* 2003; 19(3):717-724.
- [10] Loyola Filho AI, Uchoa E, Lima-Costa MF. Estudo epidemiológico de base populacional sobre uso de medicamentos entre idosos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006; 22(12):2657-2667.
- [11] Ribeiro AQ, Rozenfeld S, Klein CH, *et al.* Inquérito sobre uso de medicamentos por idosos aposentados, Belo Horizonte, MG. *Rev Saúde Pública* 2008; 42(4):724-732.
- [12] Ely LS, Paula E, Roversi GS, *et al.* Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família. *Rev Bras Geriatr Gerontol* 2015; 18(3):475-485.
- [13] Neves SJF, Marques APL, Leal MCC, *et al.* Epidemiologia do uso de medicamentos entre idosos em área urbana do Nordeste do Brasil. *Rev Saúde Pública* 2013; 47(4):759-768.
- [14] Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Pesquisa (IBGE). Tábua completa de mortalidade para o Brasil - 2015. Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- [15] Luz D, Lima J, Monteiro, L. Automedicação no idoso. [dissertação] Mindelo: Universidade do Mindelo; 2013.
- [16] Cascaes EA, Falchetti ML, Galato D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. *ACM* 2008; 37(1):63-39.
- [17] Marin MJS, Cecílio LCO, Perez AEWUF, *et al.* Caracterização do uso de medicamentos entre idosos de uma unidade do Programa Saúde da Família. *Cad Saúde Pública* 2008; 24(7):1545-1555.
- [18] Schmid B, Bernal R, Silva NN. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Rev Saúde Pública* 2010; 44(6):1039-1045.
- [19] Paim RSP, Lunelli RP, Zanchett K, *et al.* Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. *Rev Contexto Saúde* 2016; 16(30):47-54.
- [20] Cuentro VS, Andrade MA, Gerlack LF, *et al.* Prescrições medicamentosas de pacientes atendidos no ambulatório de geriatria de um hospital universitário: estudo transversal descritivo. *Ciênc Saúde Coletiva* 2014; 19(8):3355-3364.
- [21] Lima SCS, Arruda GO, Renovato RD, *et al.* As representações e usos de plantas medicinais em homens idosos no cotidiano. *Rev Latinam Enferm* 2012; 20(4):1-8, 2012.
- [22] Telles Filho PCP, Almeida AGP, Pinheiro MLP. Automedicação em idosos: um problema de saúde pública. *Rev Enferm UERJ* 2013; 21(2):197-201.
- [23] Galhardo VAC, Assunção TP. Automedicação em idosos que frequentam um centro de convivência para o idoso. *Rev Bras Geriatr Gerontol* 2013; 7(2):108-112.
- [24] Duarte LR, Gianinni RJ, Ferreira LR, *et al.* Hábitos de consumo de medicamentos entre idosos usuários do

- SUS e de plano de saúde. *Cad Saúde Coletiva* 2012; 20(1):64-71.
- [25] Cavalli AS, Pogorzelski LV, Domingues MR, *et al.* Motivação de pessoas idosas para a prática de atividade física: estudo comparativo entre dois programas universitários - Brasil e Portugal. *Rev Bras Geriatr Gerontol* 2014; 17(2):255-264.
- [26] Santos AS, Viana DA, Souza MC, *et al.* Atividade física, álcool e tabaco entre idosos. *REFACS* 2014; 2(1):6-13.
- [27] Monteiro SCM, Azevedo LS, Belfort IKP. Automedicação em idosos de um programa saúde da família, Brasil. *Infarma-Ciências Farmacêuticas* 2014; 26(2):90-95.
- [28] Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TSD, *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Pública* 2016; 50(2):1-13.
- [29] Rueda-Sanchez M. Cefalea por uso excesivo de analgésicos en Bucaramanga, Colombia: prevalencia y factores asociados. *Acta Neurol Colomb* 2013; 29(1):20-6.
- [30] Ribas C, Oliveira KR. Perfil dos medicamentos prescritos para idosos em uma Unidade Básica de Saúde do município de Ijuí-RS. *Rev Bras Geriatr Gerontol* 2014; 17(1):99-114.